

Educação ambiental para a transformação humana

Environmental education for human transformation

Educación ambiental para la transformación humana.

Marcelo Tenório Crepaldi

Doutorando, PPGG UNESP - FCT, Brasil
tenriomarclo@gmail.com

Bruna Fernandez Guimarães Borsoi

Mestranda, PPGG UNESP - FCT, Brasil
bruna.borsoi@unesp.br

Resumo

Este trabalho surge a partir de reflexões acerca de debates realizados mediante a disciplina GDA: Globalização, Desenvolvimento e Ambiente, ministrada ministrada pela Prof.^a Dr^a Margarida Queirós do Vale e Prof. Dr. Mario do Vale no curso de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia "Júlio de Mesquita Filho", campus Presidente Prudente –SP. O texto visa discutir questões sociais, políticas e econômicas, que transformam o modo de vida e as dinâmicas humanas e ambientais em nosso planeta. Assim, por meio de revisão de literatura, este trabalho aprofunda no debate com relação ao sistema de produção capitalista e suas dinâmicas e reflexos, a expansão do processo de globalização e a educação. Apontamos a educação ambiental como possibilidade de transformação e emancipação do ser humano em construção. É necessário a quebra de um paradigma para que possamos pensar em um futuro e bem-estar da população, com atitudes mais responsáveis, humanas e coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental. Capitalismo. Globalização.

Abstract

This work arises from reflections about debates carried out under the discipline GDA: Globalization, Development and Environment, taught by Prof.^a Dr^a Margarida Queirós do Vale and Prof. Dr. Mario do Vale in the Postgraduate Course in Geography at FCT / UNESP - Faculty of Science and Technology "Júlio de Mesquita Filho", campus Presidente Prudente - SP. The text aims to discuss social, political and economic issues, which transform the way of life and the human and environmental dynamics on our planet. Thus, through a literature review, this work deepens the debate regarding the capitalist production system and its dynamics and reflexes, the expansion of the globalization process and education. We point to environmental education as a possibility for the transformation and emancipation of the human being under construction. It is necessary to break a paradigm so that we can think about the future and well-being of the population, with more responsible, human and collective attitudes.

KEYWORDS: Environmental education. Capitalism. Globalization.

Resumen

Este trabajo surge de reflexiones sobre debates llevados a cabo a través de la disciplina GDA: Globalización, Desarrollo y Medio Ambiente, impartida por la Prof.^a Dr^a Margarida Queirós do Vale y Prof. Dr. Mario do Vale en el Curso de Posgrado en Geografía en FCT / UNESP - Facultad de Ciencia y Tecnología "Júlio de Mesquita Filho", campus Presidente Prudente - SP. El texto tiene como objetivo discutir temas sociales, políticos y económicos, que transforman la forma de vida y la dinámica humana y ambiental en nuestro planeta. Por lo tanto, a través de una revisión de la literatura, este trabajo profundiza el debate sobre el sistema de producción capitalista y sus dinámicas y reflejos, la expansión del proceso de globalización y la educación. Apuntamos a la educación ambiental como una posibilidad para la transformación y emancipación del ser humano en construcción. Es necesario romper un paradigma para que podamos pensar sobre el futuro y el bienestar de la población, con actitudes más responsables, humanas y colectivas.

PALABRAS CLAVE: Educación Ambiental. Capitalismo. Globalización.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge de inquietações dos autores acerca de conceitos, temas e leituras trabalhados em uma disciplina “GDA: Globalização, Desenvolvimento e Ambiente”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Margarida Queirós do Vale e Prof. Dr. Mario do Valedo no curso de Pós-Graduação em Geografia, na FCT/UNESP - Faculdade de Ciências e Tecnologia “Júlio de Mesquita Filho”, campus Presidente Prudente –SP.

A partir dessas inquietações, vimo-nos incentivados a expandir tais conhecimentos para a construção de um texto que pudesse agregar ao debate, mas não findar o mesmo, pois entendemos que devido a vastidão e complexidade dos temas exige-se a necessidade de promover discussões mais amplas sobre os assuntos, processos e dinâmicas que envolvem determinadas temáticas.

Iniciamos nossa reflexão a respeito do vigente sistema capitalista voraz, que visa o lucro em detrimento de tudo e todos, Alier (2007) ressalta que nosso modo de produção, tendo vista sempre uma escala além da necessária e destinada ao consumo, perpassa pelo meio natural que é convertido em recurso, e por nós cada vez mais exigido, causando desequilíbrio natural devido nossa demanda atual de produção.

Em consonância a esse raciocínio defendemos que o nosso progresso como sociedade tem de se dar de maneira racional, com relação ao que nos cerca, através da ação de seres sociais e uma norma social como aponta Leff (2009),

A complexidade ambiental extrapola o campo das relações de interdisciplinaridade entre paradigmas científicos para um diálogo de saberes, que implica um diálogo entre seres diferentes. A interdisciplinaridade se estabelece no terreno de uma ciência que se tem fragmentado, à época que tem objetivado todas as disposições do ser; sobre a base da construção de uma racionalidade social que, além de compreender sua configuração na modernidade, estabeleceu a norma pela qual deveria se ajustar o mundo. A racionalidade ambiental consiste em um pensamento que se emancipa dessa norma, seu dever de ser imposto, que reabre a história para o poder de ser do ser (LEFF, 2009 p.22).

Nesse sentido, Leff (2009), ressalta ainda que “[...] A racionalidade ambiental abre caminho para uma reerotização do mundo, transgredindo a ordem estabelecida, a qual impõe a proibição de ser”.

Tendo os pensamentos supracitados como basais, temos de intentar para instituições voltadas para um processo de avanço que ocorra de maneira mais responsável (pensando então nas futuras gerações e gerando o menor impacto possível) e uma educação como forma revolucionária de libertação individual e social no mundo atual.

Segundo Freire (2013) a educação decorre da reflexão do homem, que como um ser inacabado está em constante construção através da mesma, sendo que esta não é passageira e sim permanente e está em constante aprimoramento, existem humanos em níveis de educação distintos, mas não finitos.

Isto posto, na condição humana estamos todos em construção, por meio de nossas experiências de vida e da educação em suas mais diversas instâncias, buscando conhecimento, aperfeiçoamento e emancipação.

No que tange a maneira como nos (re) construímos enquanto sociedade, a educação ambiental (dentre outros fatores) se coloca como intrínseca a prosperidade de nossa civilização, em relação entre os seres sociais e com o ambiente que os cerca. De acordo com a Lei 9.795 de 27 de abril de 1979, educação ambiental se constitui dos

[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Lei 9.795 de 27 de abril de 1999).

Sendo assim, a educação ambiental finda por conscientizar, promover o senso crítico e o livre pensar das pessoas. Contudo, outros fatores esbarram em um no que seria o “ideal” para a situação, no que tange o comportamento do ser humano e suas relações com o ambiente que o cerca. Consequentemente compreender que as relações de poder e o modo de produção capitalista hegemônico, presentes dentro da lógica da Nova Ordem Mundial, geram um tolhimento de uma sociedade igualitária, e isso está diretamente relacionado ao ambiente à medida que fazemos parte do mesmo. A posição que cada sujeito ocupa no modo de produção capitalista, logo, define seu modo de pensar e agir:

Camponês ou nobre, operário ou industrial, empregado de mesa ou banqueiro: cada um, do seu próprio lugar de observação, vê coisas importantes sobre as condições de vida de uns e outros, sobre as relações de poder e de dominação entre os grupos sociais, forjando a sua própria concessão sobre o que é justo e o que não o é (PIKETTY, 2014, p.12).

O excerto enfatiza interesses a respeito das diferenciações de grupos sociais e a dominação de uns por outros, criando então uma sociedade que subjuga e não fornece elementos suficientes para grupos sociais distintos da “elite branca”, que prima por manter sua posição a qualquer custo, subjugando classes sociais inferiores (devido a seus interesses), mantendo assim sua posição na hierarquia política econômica e social. Posto isso, Machado (2012) ressalta que políticas sociais, como as de investimento na educação, acabam correspondendo aos interesses do próprio capital e do sistema, que por fim se sustentam na desigualdade.

OBJETIVOS

Este trabalho objetiva discutir o sistema político-econômico capitalista em detrimento ao ambiente, a globalização e a educação ambiental, a fim de promover a reflexão sobre como avançamos como sociedade em escala mundial. No entanto, enfatizamos que a maneira que o mundo é regido no século XXI, a partir de lógica globalizada, devemos sempre considerar a

junção de diferentes locais e suas relações para então estabelecer a relação da formação do global (MASSEY, 2000).

METODOLOGIA

Este texto é uma construção teórica acerca das temáticas supracitadas. A discussão da teoria é fundamental para se alcançar a práxis. Elaboramos uma revisão de literatura narrativa, com o intuito de buscar trabalhos relativos a ao estado da arte das temáticas propostas (GUIMARÃES, 2016), para a análise dos mesmos e aprofundamento das temáticas aqui propostas. Esta inicialmente foi definida pelo conteúdo programático da disciplina e foi sendo complementada a partir de outras referências que foram surgindo em seu curso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há mais de 200 anos somos regidos pela lógica capitalista, sistema político, econômico e social vigente que se reinventa em função de sua busca incessante pelo lucro, dado registros históricos que vão desde o acúmulo primitivo do capital e comércio decorrente das grandes navegações à consolidação de um sistema industrial que se reinventou ao longo dos séculos, estabelecendo dinâmica de um capitalismo monopolista industrial que se consolida através de um meio técnico científico e informacional, o qual vivenciamos atualmente (SANTOS, 2002).

A medida que a sociedade se desenvolveu, em sua grande maioria dentro da lógica do capital, nossas demandas cresceram de maneira vertiginosa, o querer e o ter passaram a ser fundamentos comuns dentro do consumo fomentado pelo lucro.

A confluência das necessidades consumistas que geram impacto direto em nossa produção, a todo momento focada em superávits, renega, a cada dia, e sempre em maior escala, a realidade de exploração de recursos humanos e naturais, promovendo um modelo que não se sustenta e culmina por ser esgotável à medida que nossas exigências se colocam cada vez maiores.

Decorrente de nossa realidade devemos pensar principalmente em formas de progredirmos de maneiras mais racionais e menos perversas, a fim de minimizar os mais diversos impactos em nome do crescimento econômico e da gana constante por uma maior influência política.

As dinâmicas supracitadas objetivam constantemente o lucro em detrimento ao social e o amenizar das desigualdades socioespaciais, que são resultados do acúmulo desigual do capital ao longo do tempo, da construção e reinvenção do sistema capitalista que, atualmente, prioriza nosso modelo de sociedade de consumo, culturalmente eivada de uma necessidade materialista.

Em linha a esse pensamento, Barbosa (2010) ressalta que nossa sociedade moderna tem como característica o consumo, visto que

[...] a cultura material e o consumo são aspectos fundamentais de qualquer sociedade, mas apenas a nossa tem sido caracterizada como uma sociedade de consumo. Isto significa admitir que o consumo está preenchendo, entre nós, uma função acima e além daquela satisfação de necessidades materiais e de reprodução social comum a todos e demais grupos sociais. Significa admitir, também, que ele adquiriu na sociedade moderna e contemporânea uma dimensão e um espaço que

nos permite discutir através dele questões acerca da natureza da realidade (BARBOSA, 2010, p. 14).

Isto posto, é deferido que a cultura consumista fomentada pelo sistema capitalista se coloca além da necessidade. O consumo e a manutenção do privilégio banalizam a humanidade, nos transformamos no próprio “ter” e nos esquecemos do “ser” à medida que damos valor a quantidade, a marcas de vestuário em oposição a luta pelo investimento no coletivo, no bem-estar e vida da população, principalmente aquelas mais vulneráveis, portanto, a busca pelo ter cega e desumaniza, é egocêntrica e egoísta.

Destacamos então que o bem-estar social é fruto da correta aplicação dos recursos econômicos que se coloca em oposição a ganância e concentração de renda, que, por conseguinte, não garantem o mesmo, visto que o capital gerado pelas mais diversas atividades econômicas, acaba por muitas circunstâncias não sendo aplicado ou distribuído de maneira idônea e equânime a toda sociedade.

Isto posto, a questão socioeconômica reflete a aplicação do capital e as relações de poder inerentes ao mesmo (DELEUZE e GUATARRI, 1976; RAFFESTIN, 1984), relações estas que findam por criar instituições que privilegiam a manutenção de uma pequena minoria no poder, detentora de grande parte dos bens e demasiados privilégios (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012).

Nesse sentido, faz-se necessário uma mudança cultural e de valores para se consolidar um novo arquétipo de vida, possibilitando a longo prazo mudanças nas instituições, regras, leis e normas, tendo em vista nosso modelo atual de construção da sociedade (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012). A possibilidade da criação desse arquétipo, seja por instituições privadas e/ou públicas, deve procurar amenizar desigualdades espaciais e sociais amplificadas pelas revoluções industriais e pela crescente inovação técnica, científica e informacional, parte vital do processo de globalização advindo das diversas dinâmicas do sistema capitalista (SANTOS, 2002).

É de importante destaque que o que Massey (2000) nos relata com relação ao processo de globalização, que em todas suas esferas, carece de uma análise local, por mais que sua etimologia demonstre um fenômeno espacial de contornos mundiais. Se pensarmos a escala como ferramenta de análise do global (do micro ao macro) (CASTRO, 2000), esse processo é atravessado primeiramente pela ótica local, pois é neste que se desenvolvem relações (positivas e negativas) nos mais diversos âmbitos (CASTRO, 2000; MASSEY, 2000).

Sendo assim, determinados processos visam por constituir diferentes localidades, que se apresentam como resultados do entrelaçamento de culturas e atores sociais distintos, de uma economia menos ou mais consolidada, bem como múltiplos graus de estruturação social, que acabam por (des) construir uma velha e/ou nova dinâmica mundial (MASSEY, 2000).

É importante frisar que as relações entre localidades distintas estabelecem metamorfoses nas mesmas, tendo em vista que os fluxos materiais e imateriais se rearranjam, criam novos nós e redes, que demandam novas dinâmicas (SANTOS, 2002). Isto posto, o local é essencial para a referida análise, tendo em vista que a relação local-global é indispensável para repensarmos a utilização de recursos - humanos e naturais - nesse contexto globalizado. Diante disso é que a relação entre as diferentes localidades cumpre por estabelecer relações que estão em constante metamorfose, visto que os fluxos materiais e imateriais criam novos entrelaços, nós e redes, que

consequentemente acabam por gerar e alterar inúmeras dinâmicas através de suas demandas nas mais diversas escalas (SANTOS, 2002).

Visto que a escala local-global é de indispensável para repensarmos a utilização de recursos humanos e naturais na atual globalização, a educação em sua grande dimensão é a base para o ser humano pensar estabelecer uma criticidade ao modelo em que vive, vivenciando e projetando suas ambições e expectativas no futuro, como por exemplo o cuidado que temos de ter com nossos recursos para o bem-estar das gerações presentes e futuras.

Conforme Herman Daly (1973) e Serge Latouche (2009), faz-se necessário o abandono de um modelo insustentável, apontando para uma economia de estado estacionário - sem a necessidade de consumo constante - denotando uma carência de um estilo de vida baseado na “frugalidade, parcimônia e temperança” (HERMAN DALY, 1973; SERGE LATOUCHE, 2009), refletindo, por consequência, no estado de bem-estar social da população.

De acordo com Brandão (1989), “toda a estrutura da sociedade está fundada sobre códigos sociais de inter-relação entre os seus membros e entre eles e os de outras sociedades”. O autor argumenta ainda que as sociedades são baseadas em princípios culturais, regras em formas de leis (ou não), discorrendo então que a educação é um complexo produto de uma consciência ativa que traceja o caminhar da sociedade humana, em instâncias distintas, seja em uma profissão específica, em um núcleo familiar, ou um conjunto mais amplo como grupos étnicos distintos.

Depreendemos então, que as questões sociais, econômicas, políticas e ambientais recorrentes no planeta são conduzidas, também, pelas questões educacionais e culturais intrínsecas à sociedade moderna.

Nesse sentido, tendo como base a educação no sentido mais amplo, Dias (2003) ressalta que a educação ambiental se insere como dimensão e parte vital da educação como todo, tendo em vista seu caráter interdisciplinar e de conscientização da população no que tange às questões relacionadas a sociedade e a natureza.

Nessa perspectiva, a educação ambiental possibilita a mudança, a tomada de consciência da população com relação, por exemplo, a utilização responsável de recursos naturais, na busca da quebra de um modelo tradicional e predatório apontando para um modelo alternativo e consciente que procure se aperfeiçoar avançar de maneira responsável culminando em um modelo menos predatório (DIAS, 2003).

Nesse nexos a escola e a educação se colocam como base, em um processo modificador de padrões e comportamentos, possibilitando a consciência dos jovens no que diz respeito às questões ambientais, para que os mesmos prezem pelo cuidado e, consequentemente, a melhoria de sua própria qualidade de vida, a partir do momento que compreendem que qualidade e bem-estar estão diretamente relacionados à qualidade do ambiente onde estão inseridos (DIAS, 2003).

Deste modo, a educação ambiental, relacionada a nossa exploração predatória com relação ao nosso planeta deve ser colocada como pauta, pois

A educação ambiental nas escolas contribui para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade

socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade. Para isso, é importante que, mais do que informações e conceitos, a escola se disponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores e com mais ações práticas do que teóricas para que o aluno possa aprender a amar, respeitar e praticar ações voltadas à conservação ambiental (MEDEIROS et al., 2011 p.3).

A sociedade do consumo exacerbado, guiada pelo uso dos recursos naturais para a produção de objetos/mercadorias, impactam o ambiente, logo a sociedade. Segundo Sene (2011), enquanto não mudarmos nosso modelo hegemônico, exploratório e consumista, e revermos a nossa relação com a natureza que sem mantem desde o início da era moderna, a educação ambiental pouco poderá ajudar.

Podemos entender assim, que as questões de poder presentes no capital ditam as regras do mundo, mediante a subordinação do sistema ao neoliberalismo e ao encolhimento do Estados em decorrência a crescente austeridade das grandes corporações (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006), diminuindo investimentos no setor público como na área da educação influenciando no estado de bem-estar social da população.

CONCLUSÃO

Colocamos aqui que nossa prosperidade econômica, dominância e influência política vão na mão oposta ao nosso bem-estar social, visto que o capital é voraz e a globalização é excludente e desigual. Isto posto, a qualidade de vida dos seres sociais depende da correta aplicação dos recursos econômicos de um Estado-nação, que muitas vezes são impedidos por instituições políticas extrativas, falidas e preocupadas em sustentar o contínuo enriquecimento e status quo de uma pequena elite dominante. Por isso há necessidade de mudança neste panorama, para que possamos por fim sanar desigualdades socioespaciais e amenizar nossas demandas por recursos, tendo em vista uma globalização não perversa, mais humanizada e igualitária (SANTOS, 2008; ACEMOGLU; ROBINSON, 2012).

Portanto, acreditamos que a educação, em suas diversas esferas, se coloca como importante meio para transformação, considerando a tomada de consciência do no que diz respeito às dinâmicas do sistema capitalista, que visa por explorar indiscriminadamente os recursos humanos e ambientais do nosso planeta, principalmente se colocarmos em pauta a velocidade a exclusão e a grande demanda à medida que se expande o processo de globalização.

Nesse nex, reafirmamos que a educação se coloca como basal para a emancipação do indivíduo através da absorção de conhecimento, gerando um aumento da criticidade, e de auto questionamento, findando por desenvolver uma massa crítica que tenha o intuito de quebrar paradigmas que vão na contra proposta de um modelo previamente estabelecido apontando para uma dinâmica que realmente procure o bem-estar da população, seja no âmbito social ou ambiental, por exemplo, visto que a relação entre sociedade e natureza permeia o mundo desde a existência do ser humano.

Por fim, colocamo-nos ao final dessa análise para uma mudança de estilo de vida que aponte para uma melhora nas mais diversas instâncias. É de extrema importância aqui destacar que não negligenciamos as imensas barreiras existentes entre as sociedades, reconhecendo as

perversidades do capital e do ser humano, e as desigualdades que criamos. Propusemo-nos aqui a propor também o resgate do “humano” no ser humano e, dessa maneira, provocar ideias diante da coletividade, da educação de qualidade e da quebra de paradigmas perversos, vislumbrando no futuro um mundo mais próximo do que seria o “ideal”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar o nosso agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia – FCT/UNESP (Campus de Presidente Prudente), pelo sempre auxílio e fomento na Geografia. Não obstante é de nosso reconhecimento e gratidão às agências de fomento que nos auxiliaram na viabilização desse trabalho, nosso muito obrigado à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Processo nº 88887.340700/2019-00) e à CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo nº 133133/2019-2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEMOGLU, D; ROBINSON, J. **Why nations fail: the origins of power, prosperity and poverty**. Nova York: Gown Publishers, 2012.
- ALIER, Joan Martinez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2007.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRASIL. **Lei Federal nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília – DF.
- DALY, H. **Toward a steady-state economy**. San Francisco: WH Freeman, 1973.
- CASTRO, I. E. Escala e pesquisa na geografia. Problema ou solução? **Espaço Aberto**, v. 4, n. 1, p. 87-100, 2014.
- DELEUZE, G. GUATARRI, F. **Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago. 1976.
- DIAS, R. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GALA, P. A Teoria Institucional de Douglass North. **Revista de Economia Política**, vol. 23, nº 2 (90), abril-junho/2003. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/90-6.pdf>> Acesso: 13/05/2020
- GUIMARÃES, R. B. Geografia e saúde coletiva no Brasil. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.4, p.869-879, 2016.
- HAESBAERT, R; PORTO-GONÇALVES, C. W. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006, 160 p.
- LATOUICHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Editora WMF, 2009.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo dos saberes. **Educação & Realidade**. v. 34, n. 3, p. 17-24 2009

MACHADO, Ednéia Maria. Política social: a manutenção da desigualdade. In: VIII CONGRESSO LUSO--AFRICANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra, set. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/EdneiaMachado.pdf>. Acesso em. 2012.

MEDEIROS et al. A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, set. 2011.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Editora Intrínseca, 2014.

ROSADO, R. M. O Ecologismo dos Pobres: Conflitos Ambientais e Linguagens de Valorização. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 34, n. 1, 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo (SP): Ática, 1984.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SENE, J. E. de. A educação ambiental como tema transversal no ensino de geografia: possibilidades e limites. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL – Costa Rica. Año 2011, pp. 1-12